



UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA – UnB

FACULDADE DE CEILÂNDIA – FCE

CURSO DE TERAPIA OCUPACIONAL

CARLOS HENRIQUE DA SILVA GOMES

VIOLÊNCIA POLICIAL: COMO SE PROTEGER?
O USO DAS MÍDIAS SOCIAIS COMO FERRAMENTA DE
DEFESA

BRASÍLIA,
2018

CARLOS HENRIQUE DA SILVA GOMES

VIOLÊNCIA POLICIAL: COMO SE PROTEGER?
O USO DAS MÍDIAS SOCIAIS COMO FERRAMENTA DE
DEFESA

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado à Universidade de Brasília –
UnB – Faculdade de Ceilândia como
requisito parcial para obtenção do título de
bacharel em Terapia Ocupacional.

Orientador: Prof. Dr. Vagner Dos Santos

BRASÍLIA,
2018

CARLOS HENRIQUE DA SILVA GOMES

VIOLÊNCIA POLICIAL: COMO SE PROTEGER?
O USO DAS MÍDIAS SOCIAIS COMO FERRAMENTA DE
DEFESA

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado à Universidade de Brasília –
UnB – Faculdade de Ceilândia como
requisito parcial para obtenção do título de
bacharel em Terapia Ocupacional.

COMISSÃO EXAMINADORA

Prof. Dr. Vagner Dos Santos

Prof. Dr. Rafael Garcia Barreiro

Faculdade de Ceilândia – Universidade de Brasília

Aprovado em:

Brasília,.....de.....de.....

DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho aos meus amados pais Maria Alves da Silva e Francisco Gomes Bonfim, pela oportunidade que me deram de ter acesso à educação, pela compreensão, amor e carinho, os quais foram fundamentais no alcance de meus objetivos.

AGRADECIMENTOS

Neste momento, tão especial, não poderia deixar de expressar meus sinceros agradecimentos a todos aqueles que direta ou indiretamente contribuíram para a realização deste trabalho, em especial:

Primeiramente e acima de tudo a Deus, pelo milagre da vida e por sempre me capacitar.

Aos meus pais e aos meus irmãos, pelo amor, compreensão e confiança que depositam em meus potenciais.

Aos meus familiares que sempre torceram por mim, pelo carinho que sempre me dispensaram.

Ao meu orientador, professor Dr. Vagner dos Santos, por todo conhecimento ofertado durante minha graduação e pela confiança e paciência com que me conduziu na elaboração deste trabalho.

Aos meus amigos, amigas e colegas de curso pelo companheirismo nessa trajetória, pela troca de experiências, por tornar este processo menos cansativo e por me proporcionarem muitos momentos bons.

E por último, mas longe de ser menos importante, a Pollyanna, um dos encontros mais lindos que a vida tratou de providenciar, onde num período de grande desordem e incertezas, trouxe paz e alegria para os meus dias, tornando tudo mais leve e belo.

RESUMO

O presente estudo aborda o tema da violência policial, tema esse que vem sendo amplamente estudado pela sua importância e até pelo momento político e social em que nos encontramos. O objetivo deste trabalho é analisar os discursos que foram produzidos e como repercutiu o vídeo feito por três jovens negros que moram na periferia e viram a necessidade de dar dicas para quem vive principalmente nas comunidades do Rio de Janeiro a como se portar durante uma abordagem indevida realizada por algum militar, uma vez que, esse tipo de abordagem já acontecia e poderia se intensificar com a intervenção militar ali instaurada. O estudo teve como metodologia uma abordagem qualitativa, no qual foram coletados os 10 principais comentários de cada plataforma (youtube, facebook e G1) referentes ao vídeo. Os dados foram analisados em cinco estágios: familiarização; identificação; indexação; mapeamento e interpretação. Diante disso, foi possível observar que o vídeo teve uma grande repercussão, recebendo tanto comentários negativos que beiram o preconceito e discursos de ódio, quanto comentários positivos que ressaltam a importância das dicas dadas para a população que enfrenta essa problemática em seu cotidiano.

Palavras-chave: Violência policial, intervenção militar, dicas, preconceito.

ABSTRACT

The present study deals with the issue of police violence, a subject that has been widely studied for its importance and even for the political and social moment in which we find ourselves. The objective of this work is to analyze the speeches that were produced and how the video made by three young black people who live in the periphery and reflected the need to give tips to those who live mainly in the communities of Rio de Janeiro how to behave during an improper approach carried out by some military, since this type of approach already happened and could be intensified with the military intervention established there. The study had as methodology a qualitative approach, in which were collected the 10 main comments of each platform (youtube, facebook and G1) referring to the video. Data were analyzed in five stages: familiarization; identification; indexation; mapping and interpretation. In view of this, it was possible to observe that the video had a great repercussion, receiving both negative comments that border prejudice and hate speech, and positive comments that highlight the importance of the tips given to the population that faces this problem in their daily lives.

Key words: Police violence, military intervention, tips, prejudice.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	9
2. REVISÃO DA LITERATURA	12
3. JUSTIFICATIVA	14
4. OBJETIVOS	15
4.1. GERAL	15
4.2 ESPECÍFICOS	15
5. MÉTODO	16
5.1 CONTEXTUALIZANDO O VÍDEO	16
5.2 COLETA DE DADOS E ANÁLISE	17
6. RESULTADOS	18
6.1 CATEGORIZANDO OS COMENTÁRIOS	18
6.2 DENUNCIAR E SOLUCIONAR O CRIME	19
6.3 DISTINÇÃO DA ATUAÇÃO DA POLÍCIA NOS TERRITÓRIOS	20
6.4 TOLERÂNCIA A VIOLÊNCIA POLICIAL	21
6.5 SOLIDARIEDADE E COMPAIXÃO	21
6.6 RECOMENDAÇÕES DE COMO SE PORTAR	23
6.7 TRISTEZA COM A REALIDADE ATUAL	24
7. DISCUSSÃO	25
7.1 DENUNCIAR E SOLUCIONAR O CRIME	25
7.2 DISTINÇÃO NA ATUAÇÃO EM DIFERENTES TERRITÓRIOS	25
7.3 TOLERÂNCIA A VIOLÊNCIA POLICIAL	26
7.4 SOLIDARIEDADE E COMPAIXÃO	27
7.5 RECOMENDAÇÕES DE COMO SE PORTAR	27
7.6 TRISTEZA COM A REALIDADE	28
7.7 LIMITAÇÕES	29
8. CONCLUSÃO	30
9. REFERÊNCIAS	31

1. INTRODUÇÃO

A violência é um fenômeno que varia em suas formas de manifestação ou de uma cultura para outra, é uma ação determinada através das relações de força, caracterizada num pólo pela dominação e no outro pela coisificação (CHAUI, 1985). Já Michaud (1989) sustenta que a violência é um processo que ocorre nas interações sociais quando um ou vários atores agem de maneira direta ou indireta maciça ou esparsa, causando danos a uma ou várias pessoas em graus variáveis, seja em sua integridade física, seja em sua integridade moral, em suas posses ou em suas participações simbólicas e culturais.

Em relação a um tipo específico de violência, como a policial, que aqui será abordado, Neto (1999), afirma que, a ação violenta por parte da policial é um tipo de violência que perturba cada vez mais a sociedade como um todo, os próprios policiais, os governantes, os jornalistas e os cientistas sociais, em parte porque é realizada por atores do Estado que têm a obrigação constitucional de garantir e assegurar a segurança pública, a quem a sociedade delega a responsabilidade do controle da violência. Os casos de violência policial, em sua grande maioria, alimentam um sentimento de descontrole e insegurança que dificulta qualquer tentativa de controle e pode até contribuir para a escalada de outras formas de violência.

Diante disso, entende-se que, essa ação violenta e desproporcional por parte da polícia não ocorre de maneira aleatória, há alguns itens em que o indivíduo precisa se encaixar, para que essa performance policial típica possa ser colocada em prática. A juventude preta, pobre e periférica, é o principal alvo dessa ação, onde são enquadrados dentro de um perfil, é criado ali então o “elemento suspeito”, indivíduo marginalizado, que a polícia julga ser de risco e que oferece mais perigo, são percebidos como ameaça, com isso, sua ação violenta perante esse sujeito é justificada.

Frente a esse tipo de violência destinada preferencialmente a um grupo populacional bem específico (jovens negros e periféricos), o presente estudo busca compreender como essa

população tem enfrentado essa situação, que meios tem utilizado para expor sua insatisfação e como isso tem repercutido na sociedade em geral. Alguns estudos têm abordado a questão da violência policial contra a juventude negra e periférica brasileira, Araújo (2016) traz a questão do violência e do racismo como uma combinação letal no cotidiano dessa juventude, além de criticar à banalização que a mídia tem feito a esse tipo de violência. Já Mattos (2017), trata em seu artigo o uso de filmagens em abordagem policial com violência, explorando o contexto em que circulam tanto no Brasil quanto nos EUA, vários outros autores como Kant (2007), Machado da Silva (2008) e Ramos (2014) também vem tratando a temática da violência policial.

Esses estudos produzidos a partir desse conteúdo tem uma grande importância, pois procuram mostrar a realidade de um grupo social de classe baixa, marginalizado, negligenciado pelo Estado e que historicamente não possuem acesso pleno aos seus direitos e que sofre com essa violência (SANTOS FILHO, 2003). Entretanto, pouco tem sido estudado no que refere-se à análise dos discursos e da repercussão que são produzidos socialmente no momento em que essa população usa dos mecanismos de mídias sociais para se impor frente a uma situação de opressão policial.

A utilização das mídias sociais tem sido de grande valia para essa população. Por meio delas, esse grupo populacional que é em grande parte marginalizado e tantos outros vivendo em situação de vulnerabilidade, ganha visibilidade, onde podem expor suas queixas e anseios, que outrora não se conseguia ou era muito raro de alcançar. O uso das mídias sociais fez com que essa população tenha voz e união. A partir daí, foram criados vários grupos e movimentos sociais e midiáticos, que tem o interesse de denunciar os abusos cometidos pela polícia, além de irem em busca dos seus direitos.

O uso das mídias para expor a violência policial sofrida principalmente pela juventude negra, tem criado um ambiente de comoção e indignação, tanto no âmbito nacional, quanto internacional, movimentos ativistas como o Black Lives Matter (Vidas Negras Importam), criado nos EUA, após a morte de um jovem negro pela polícia, Mães de maio, “Onde está Amarildo?”, coletivo Papo Reto, entre outros, são grupos e movimentos que utilizaram por meio das mídias sociais dentre uma das finalidades, a de pressionar pelo esclarecimento e punição dos envolvidos nos crimes em questão, onde outrora esses

processos seriam arquivados e sem nenhuma responsabilização aos envolvidos (MATTOS, 2017).

Diante desse cenário apresentado, chama atenção a grande repercussão que tem existido acerca desse uso da mídia por determinados coletivos ou movimentos para se colocar frente a violência policial, repercussão essa ainda mais exaltada por conta do momento delicado que a segurança pública tem passado, principalmente no estado do Rio de Janeiro que passa por uma intervenção militar, e que vem recebendo críticas de diversos setores da sociedade, em especial dos moradores das comunidades. Essa repercussão tem apresentado dois lados, um já foi brevemente citado anteriormente que são às denúncias realizadas, resolução e punição aos crimes cometidos pela polícia contra a juventude negra e a criação de movimentos de luta pelo direito dessa população, além de apoio e compaixão de parte da sociedade com a causa em questão. No entanto, essa repercussão também tem apresentado uma face perversa, uma vez que, algum material é vinculado por meio das mídias, é criado espaço para o outro opinar sobre o que foi produzido, mas por várias vezes, essa liberdade de expressão acabando indo além, confundindo se com discursos de ódio. Segundo Samanta Ribeiro Meyer-Pflug (2009, p. 97) que define o discurso de ódio como a manifestação de “ideias que incitem a discriminação racial, social ou religiosa em determinados grupos, na maioria das vezes, as minorias”.

Portanto, busquei neste estudo procurar entender de que forma repercute um material produzido por algum coletivo, movimento ou ong, que traz como tema principal a violência policial contra jovens moradores da periferia, qual interferência ele implica para o cotidiano dessas pessoas e analisar os discursos que são produzidos em virtude desse material elaborado e amplamente divulgado em diferentes meios de comunicação social.

2. REVISÃO DA LITERATURA

De acordo com Gaspari (2002), as origens da geração do uso da força pelas polícias brasileiras concerne ao período da ditadura militar. Naquela época, existia o predomínio de duas visões sobre a segurança pública brasileira. A primeira, associava-se com o pensamento absolutista da segurança da sociedade, ou seja, o país está acima de tudo, logo, vale tudo para deter aqueles que o ameaçam. A segunda visão estava baseada no poder da tortura, havendo perigo, os militares agiam, as pessoas falavam e o terror acabava (GUIMARÃES, TORRES e FARIAS, 2005).

Em vários estudos que abordam essa temática, se vê a violência policial como um tipo de excesso de poder, a qual é reproduzida pela tradição autoritária das instituições e limitada pelos preconceitos e temores da sociedade, de governos e das próprias polícias. Por certo, ela se desenvolve numa sociedade, cuja estrutura social é claramente desigual, quer dizer, a disputa não se materializa no espaço público porque as regras de precedência que o definem antecipadamente regulam, de fora, a convivência entre os desiguais, como afirma Kant (2003). Nisso, para certos indivíduos sem acesso pleno aos direitos, sem cidadania, não há uma polícia para eles, mas contra eles. Com efeito, o Estado e a polícia definem-se como instituições não só desprendidas, mas externas ao conjunto dos cidadãos que precisam não apenas conter, mas, fundamentalmente, manter em seu devido lugar, reprimir, (KANT, 2003).

Esse tipo de violência policial, apesar de comum, não é generalizada, ela é direcionada a indivíduos específicos, e são os critérios que influenciam essa seletividade que se busca compreender. Gonçalves (2011) aponta que alguns setores da população são

entendidos como mais “torturáveis” do que outros. São esses que sofrem, frequentemente, os abusos da polícia, com consentimento da sociedade e omissão das mídias de informação.

Ainda no que se refere na questão dessa seletividade da polícia para impor sua ação violenta, as pesquisas revelam que a disparidade relativa às vítimas de homicídios e agressões existe, também, nas estatísticas de violência policial: 6,5% dos negros vítimas de agressão, no ano anterior à pesquisa realizada pelo IBGE, em 2010, foram agredidos por policiais ou seguranças privados. Em contrapartida, 3,7% dos brancos foram vítimas nas mesmas circunstâncias segundo Oliveira Jr. e Lima (2013, p. 22), Os mesmos autores salientam que o racismo não é uma criação da polícia; o racismo institucional é apenas uma resposta do desvio comportamental presente em diversos outros grupos, inclusive aqueles de origem dos seus membros. Assim, deve-se admitir que a sociedade brasileira é uma sociedade racista, diferentemente dos discursos que a classe dominante expõem, e uma das provas é a taxa de homicídios em geral apontado acima.

Apesar de entendermos a complexidade e problemática dessa situação, vemos ainda que existe em nossa sociedade uma tolerância com a violência realizada pela polícia. Essa sensação de descontrole e insegurança são os principais motivos para que a população apoie o uso da força por parte da polícia, Chevigny (1995) afirma que a percepção de perda de controle sobre a criminalidade faz com que setores da sociedade desenvolvam comportamentos autoritários, apoiando excessos da polícia contra responsáveis que atrapalham a ordem e cometem delitos, em certos casos, a polícia realiza a “justiça” como forma de satisfazer os desejos de que “bandido bom é bandido morto” de uma determinada parcela da população (SPESNY, 2017), tentando assim, mostrar sua eficiência.

3. JUSTIFICATIVA

Se faz necessário abordar esse tema da violência policial contra uma determinada população específica, uma população marginalizada, sem acesso pleno aos seus direitos e reféns de uma violência que parte de onde deveria vir a segurança e proteção. A importância de entender o porquê essa parte da sociedade sofre com esse tipo de violência, segundo Machado da Silva (2008), se a violência policial fosse um modelo espalhado por toda sociedade, ela seria reparada. Não teria como negá-la ou justificá-la por devido cumprimento legal da força, pela violência criminosa, pela sensação de insegurança. A questão é que ela atinge mais alguns indivíduos do que outros, sendo gradualmente acentuada à medida que os indivíduos se afastam de um tipo ideal de cidadão. Essa seletividade perversa da ação policial, configura os espaços do crime, ou seja, os locais e as populações marginalizadas. Nessas zonas, valores de direitos humanos podem ser relativizados. Em consequência, as ações de enfrentamento à criminalidade reforçam as discriminações, pois são operadas com vigor contra setores mais pobres da sociedade.

Diante disso, é de suma importância promover espaços de debate e troca de experiências acerca dessa temática, pois só assim, esse grupo que sofre com esse tipo de violência poderá se sentir seguro e com informações o suficiente que os qualifiquem a buscarem os seus direitos e terem acesso pleno a todos os setores e serviços da sociedade.

4. OBJETIVOS

4.1. GERAL

- Entender os discursos da violência a partir do vídeo produzido por 3 jovens negros, no qual dão dicas de como se portar durante uma abordagem policial.

4.2 ESPECÍFICOS

- Identificar se existe em nossa sociedade discursos de tolerância à violência ou não.
- Identificar as opiniões produzidos acerca desse vídeo.
- Saber se existe uma diferenciação da atuação policial a partir dos comentários feitos.

5. MÉTODO

A fim de melhor atender aos objetivos propostos, será realizado um estudo descritivo, de abordagem qualitativa. Os estudos descritivos segundo Triviños (2008) têm por objetivo, descrever criteriosamente os fatos e fenômenos de determinada realidade, de forma a obter informações a respeito daquilo que já se definiu como problema a ser investigado. A grande contribuição das pesquisas descritivas é proporcionar novas visões sobre uma realidade já conhecida.

Já os estudos com abordagem qualitativa, segundo Minayo (2001, apud Gerhardt e Silveira, 2009, p. 32) são, estudos que trabalham com o universo de significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes, o que corresponde a um espaço mais profundo das relações, dos processos e dos fenômenos que não podem ser reduzidos à operacionalização de variáveis. (MINAYO, 2001, apud GERHARDT e SILVEIRA, 2009, p.32)

Tudo isso, com o intuito de poder analisar os discurso que são produzidos perante a exposição de um determinado material vinculado na mídia e que mostra como se tem dado a interação da polícia com a juventude brasileira.

5.1 CONTEXTUALIZANDO O VÍDEO

O vídeo que possui 3 minutos e 27 segundos, foi produzido por três jovens negros, Edu Carvalho, Spartakus Santiago e AD Junior, que são moradores da periferia e youtubers. O material foi divulgado no dia 17 de fevereiro de 2018, um dia após decisão da Presidência da República em decretar a intervenção federal na segurança pública do estado do Rio de

Janeiro, Já existiam vários movimentos e grupos que denunciavam e questionavam a atuação da polícia, em especial a atuação realizada dentro das comunidades cariocas contra a juventude ali presente. As UPPs (unidades de polícia pacificadora), são um dos principais alvos de denúncias de abusos e violência, tendo em sua atuação gerado tanto medo e insegurança quanto o próprio crime organizado ali presente (ARAÚJO,2014).

Diante ao grande número de casos de abuso e violência policial dentro dessas comunidades, existindo alguns casos emblemáticos e que tiveram grande repercussão, como o do pedreiro Amarildo ou o do catador Rafael Braga, os três jovens viram a necessidade de dar dicas de como sobreviver a esses tipos de abordagens, uma vez que, esses procedimentos tendem a aumentar em virtude do grande número de agentes de segurança pública que estão nas comunidades por conta da intervenção militar ali instaurada.

Os jovens trazem desde dicas simples, como outras com um certo tom de ironia relacionadas a casos existentes. Esse jovens, que por serem negros, têm uma vivência maior de abordagens abusivas por parte dos agentes de segurança, alertam para que ninguém saia de casa sem documentos, avise aos amigos para onde está indo, que esteja sempre com o celular carregado para ligar para alguém, entre outras sugestões. Depois de produzido, o vídeo foi postado na página do facebook do Spartakus Santiago, e posteriormente foi amplamente compartilhado por diversos veículos de comunicação, atingindo assim, sua grande repercussão.

5.2 COLETA DE DADOS E ANÁLISE

Os dados coletados são os comentários feitos referentes ao vídeo. Foram coletados os 10 comentários mais populares feitos nas principais mídias sociais onde o material foi vinculado, são elas: facebook (página do Spartakus Santiago), G1 portal de notícias e o canal no YouTube de um dos integrantes do vídeo (Spartakus Santiago).

A partir dos comentários coletados, empregou-se a análise qualitativa dos dados, que será realizada por meio de algumas etapas, estruturadas e definidas por POPE e MAYS (2005) como:

Familiarização, Identificação, Indexação, Mapeamento e Interpretação dos dados.

6. RESULTADOS

Foram coletados um total de 30 comentários, tendo como critério de inclusão os comentários mais populares, tanto com curtidas positivas e negativas. O início das coletas dos comentários foi pela página no facebook do spartakus Santiago, local no qual o vídeo foi postado primeiramente. Em seguida, os comentários foram recolhidos do youtube, local onde o vídeo foi postado no mesmo dia que no facebook. A partir da ampla visualização alcançada por meio dessas duas redes, o vídeo ganhou uma grande repercussão e dois dias após a postagem inicial, ele recebeu uma matéria no G1, o último local de coleta dos comentários.

Dos 30 comentários selecionados, 16 são a favor ou possuem alguma afinidade com o tema ou com a finalidade do vídeo e o restante dos comentários são contra o conteúdo ou indiferente ao mesmo. Vale ressaltar que das 3 plataformas de onde os comentários foram retirados, duas são de produção de conteúdos especificamente voltados para a população que o vídeo busca alcançar.

6.1 CATEGORIZANDO OS COMENTÁRIOS

Dentre os comentários negativos que o vídeo sofreu, a maior crítica se dá pelo fato de terem produzido um vídeo ensinando a sobreviver a uma intervenção policial e não ao crime organizado, como destacado nos comentários abaixo:

“E vídeo dando dicas de como sobreviver a uma abordagem de bandidos, vocês vão fazer também?”

“Cadê o vídeo de como sobreviver a violência desenfreada dos traficantes e assaltantes não tem não?! “

“Engraçado, ensinam a sobreviver contra as Forças de segurança, mas contra o tráfico que é o verdadeiro assassino não ensinam, o Brasil deve ser estudado, porque tem coisas que só se vê por aqui.”

“Façam um vídeo ensinando como denunciar os traficantes, bocas de fumo, locais de cargas roubadas, carros.... ai sim estarão fazendo algo de útil para a sociedade. Do contrário, só querem aparecer.”

“Agora faz um vídeo de como proceder quando um bandido armado com um fuzil te abordar? Devo filmar ?Ter meus documentos? Ligar?Ou ficar de boa porque sou negro e quem persegue negro é a polícia?

Obs- antes de mimi sou negro e vivo dentro de uma comunidade, sei muito bem qual é a verdadeira realidade.”

“Eu fui assaltado 8 vezes no Rio de Janeiro e todos os assaltantes eram NEGROS, e nunca publiquei nada responsabilizando negros por isto, pois entendo que não foi um problema étnico, pq cor não define caráter, este vídeo só serve para disseminar o ÓDIO na sociedade carioca/fluminense. Faça um direcionamento ao cidadão de bem independente de sua etnia.”

6.2 DENUNCIAR E SOLUCIONAR O CRIME

Nesses comentários, é nítida uma desvalorização e até mesmo uma indiferença com os motivos que levaram a produção do vídeo, que foi feito exatamente para o cidadão de bem se proteger em uma determinada situação. Sabemos que existe a violência praticada pelo crime organizado e que ela precisa ser solucionada, mas esse vídeo ser voltado

especificamente para a violência policial tem grande importância, pois é uma violência que parte de onde deveria vir a proteção, violência essa destinada a uma população específica que não sabe ou não consegue se proteger dela. Comentários com essa linha de raciocínio acabam se tornando em nossa sociedade senso comum, sociedade essa que vê de longe essa realidade e ainda delega à essa população o dever denunciar o crime organizado e solucionar a violência sofrida.

6.3 DISTINÇÃO DA ATUAÇÃO DA POLÍCIA NOS TERRITÓRIOS

Já em outros comentários, ficou claro a incapacidade de quem fez o comentário, perceber que a violência realizada na abordagem policial não é dissipada por toda a sociedade e que há uma distinção em sua atuação nos diferentes territórios. O fato desse indivíduo ter tido uma experiência de não violência quando foi abordada pela polícia, não garante que quem more na periferia e que se encaixa em um perfil suspeito não vá sofrer com o abuso de poder por parte do agente de segurança. A partir dessa experiência pontual, são realizados comentários que desmerecem e inferiorizam a queixa e o sofrimento do outro.

“Em minhas viagens de moto ao RJ fui abordado duas vezes por PMs (antes de uma dessas abordagens um indivíduo também de moto, cortava volta e me alertou de que havia polícia adiante) Como não sou bandido, segui normalmente e acabei sendo abordado. Pediram habilitação, documentos da moto, conferiram os dados, viram que estava tudo correto, pediram desculpas pelo “inconveniente” e me liberaram com um “Boa tarde e boa viagem senhor.”

“Quem não deve não teme.”

“Parem de frescurinha! Sou negro, fui abordado inúmeras vezes, e nunca apanhei de ninguém! Se você não estiver com maconha no bolso, fizer o que o cara manda sem ficar resmungando, se for pego na mentira principalmente, porque como militar do exército, também já abordei muita gente, e muita gente dizia que não usava drogas, e pegavamos drogas escondidas no boné. Então, vocês têm que fazer vídeo pras pessoas

não usarem drogas! Façam vídeo pra que as pessoas não mintam para os militares. E se for pego com drogas, abra a boca e acuse onde é a fonte!

A maior idiotice é vocês querendo colocar a população contra os agentes que vêm fazer a segurança da mesma!”

A prática realizada pela polícia nos relatos acima, mostra claramente que não existe um padrão de atuação. O fato desses não terem tido nenhum problema durante a abordagem que sofreram, devido algumas variantes como o local onde ocorreu a abordagem, condição social e a cor de pele dos mesmos, não minimiza os riscos que o público alvo para quem vídeo foi destinado possa sofrer. São realidades completamente diferentes, os indivíduos dos comentários mostraram ter contatos pontuais com a abordagem policial, enquanto a população em que o vídeo atende, mantém um relação diária e tensa com a polícia.

6.4 TOLERÂNCIA A VIOLÊNCIA POLICIAL

Para além do que já foi explicitado aqui, cabe destacar de maneira negativa alguns comentários que foram para além da liberdade de expressão de concordar ou não com o conteúdo do vídeo, e que acabaram tornando discursos de ódio. Discursos que ofendem, generalizam toda uma população e criminalizam toda uma comunidade, vem carregado de preconceitos e tem por finalidade oprimir um público que luta pela garantia mínima de seus direitos. Ainda tem comentários que generalizam a própria atuação da polícia. Alguns desses comentários já são bem conhecidos e mostram que existe em nossa sociedade uma tolerância a violência cometida pela polícia contra indivíduos que julgam ser marginais e que apresentam perigo.

“Como dizia o velho e bom ditado, BANDIDO BOM É BANDIDO MORTO”.

“Quem não deve não teme, é só colaborar, agora vai começar a onda de vitimismo e coitadismo da classe da malandragem, querendo esconder os seus podres no grito.”

“ Pratico essas sugestões a anos (tenho 52) e são indicadas a todas as etnias. Infelizmente, o Brasileiro é hipócrita, se diz muito amistoso e pratica a pior racismo que existe. O racismo velado.”

“Cara tu tem uns vídeos legais. Mas esse foi sem noção. Só piora as coisas. Foi ridículo. Podre”

6.5 SOLIDARIEDADE E COMPAIXÃO

Entretanto, há quem se solidarize com a causa, que mesmo de longe ou que não sofra, percebe todo o contexto que envolve essa situação, demonstra compaixão com quem vive aquela realidade e entende a importância do material que foi produzido, que não se trata de vitimismo ou algo do tipo, mas sim de um cenário extremamente delicado, onde qualquer ajuda representa um fio de esperança para uma população que sofre com a violência do próprio Estado, representada através de seus agentes de segurança.

“Estou adorando a repercussão do vídeo. Querida gente branca essa simplesmente SEMPRE foi a nossa realidade. Escuto essas recomendações desde criança pelo pessoas mais velhas da minha família (tias e tios). Agora com a intervenção temos que tomar um maior cuidado.”

“Eu sou negra, já fui parada em blitz e essas coisas nunca me aconteceram, então nunca levei a sério dicas como essas, masssss...comecei a namorar meu atual companheiro que tbm é negro e eu vi uma realidade que eu nunca tinha visto! Tudo o que eles dizem infelizmente é vdd...reparei como as abordagens são diferentes quando são com ele e quando são com os amigos brancos dele...chega a ser cruel e me leva lágrimas aos olhos! Mas como ele diz já está acostumado, não deveria, mas está.”

“Certa vez tive que fazer segunda via do título de eleitora. Fui a um posto do TRE da minha cidade. Este ainda não havia começado a atender ao público, mas já haviam em torno de dez pessoas pelo lado de fora do posto, esperando numa fila mal organizada na qual entrei. Em alguns minutos, saiu lá de dentro uma policial e começou a abordar os componentes da fila bruscamente, um por um, com uma grosseria absolutamente desnecessária. Nada estava acontecendo para que ela desse gritos de ordem com as mãos por cima da arma que carregava na cintura. A esta altura eu já estava super apreensiva e com bastante medo, meu coração batia forte imaginando que aquela agente se dirigiria a mim de igual maneira, porque eu

também estava mal posicionada como os demais. Mas para minha surpresa, ao se aproximar de mim, ela acalmou os ânimos e sorriu dizendo: "senhora, poderia por gentileza, ficar um pouquinho mais próxima a parede?!" e ainda sorrindo, gentilmente, ela agradeceu. Eu achei aquele tratamento destoante tão estranho. Por isso não demorou muito para que eu percebesse que aquele contraste no trato por parte da policial aos cidadãos e às cidadãs ali presentes era movida pela percepção visual que ela teve de nós, pois a única diferença entre eu e os demais era cor da pele. Eu sou branca e todos os outros eram pessoas negras. Este é apenas um pequeno exemplo de como se procede uma abordagem policial injusta diante de pessoas brancas e negras. Só cego e mau caráter não enxerga o racismo presente na corporação militar de um modo geral. Que os negros engajados alcem as suas vozes e que os demais privilegiados conscientes ouçam e apoiem. Porque se queremos viver numa sociedade justa é preciso primeiro reconhecer onde e contra quem se pratica a injustiça."

"Numa turma que eu estudei no semestre passado tinha um estagiário docente que é negro e trabalha como jornalista. Uma vez ele saiu pra um evento levando a câmera profissional no carro. Foi parado por policiais brancos que perguntaram várias vezes pra onde ele tava indo e como tinha conseguido aquela câmera e se ele era mesmo jornalista. Depois, um dos dos policiais deu um tapa na cara dele. A polícia que supostamente existe pra proteger os cidadãos de bem constrangeu e agrediu um cidadão de bem sem nenhum indício pra desconfiar dele. Nunca vi isso acontecer com gente branca."

6.6 RECOMENDAÇÕES DE COMO SE PORTAR

Há um conjunto de comentários que vão além da compaixão mostrado nos discursos anteriores, veem com esse trabalho um meio de melhorar a realidade, ressaltando a importância para a população que sofre nesse contexto. O material recebeu vários comentários positivos de pessoas que conhecem a problemática, que já sofreram ou conhecem alguém que já sofreu alguma abordagem violenta por parte dos agentes de segurança e que fizeram comentários que retratam a realidade vivida através do material produzido, pois entendem que existe a necessidade de orientar e fazer recomendações de como os jovens podem se proteger em determinadas situações, e que não fica apenas restrito a população do

Rio de Janeiro, que passa pela intervenção, mas de todo o Brasil. Além do mais, seguir esse tipo de recomendações afeta diretamente o cotidiano dessas pessoas.

“Parece ridículo, vitimismo ou coisa de país em guerra civil, mas é realidade, é Brasil e infelizmente não serve só para o Rio de Janeiro, mas para todos nós brasileiros, até porque nós negros somos a maioria dessa população. Obrigado rapazes, infelizmente são necessárias, ainda bem que vocês está aí, obrigado e parabéns”

“Enquanto essa realidade não mudar, façam barulho, meninos! Se isso não mexe com a sociedade, vamos incomodar até mexer, compartilhando já!!”

“Estou adorando a repercussão do vídeo. Querida gente branca essa simplesmente SEMPRE foi a nossa realidade. Escuto essas recomendações desde criança pelo pessoas mais velhas da minha família (tias e tios). Agora com a intervenção temos que tomar um maior cuidado.”

“Esse vídeo presta um serviço muito importante. Com essa intervenção militar os cariocas estão correndo muito mais perigo. Todo mundo sabe que policiais e militares são inimigos da população, piores que bandidos comuns. Estejamos sempre atentos.”

6.7 TRISTEZA COM A REALIDADE ATUAL

Por fim, há uma última categoria de comentários, que mesmo sabendo a importância do vídeo, falam com um certo pesar sobre a necessidade do mesmo, são comentários que estão fundados numa espécie de tristeza e desesperança da realidade em que nos encontramos, e que não vislumbram nenhuma perspectiva de melhora desse cenário.

“Muito triste precisar de um vídeo assim”

“Dicas tristes, mas necessárias”

“É triste existir um vídeo de sobrevivência em abordagem para negros em pleno século XXI”

“Realidade mais triste”

“É uma pena esse vídeo ser tão necessário”

“Pinho sol é clássico. Me bate um tristeza e vergonha só de lembrar.

“Infelizmente, necessário.”

7. DISCUSSÃO

A seguir, apresentaremos a discussão dos principais resultados. Para facilitar a leitura, apresentamos a discussão em uma sequência semelhante a que os resultados foram mostrados.

7.1 DENUNCIAR E SOLUCIONAR O CRIME

No que se refere aos comentários que pediam para que os jovens fizessem um vídeo de como se defender ou denunciar o crime organizado, alguns estudos mostram que não é tão simples assim tomar essa atitude, Bugnon e Duprez (2015) em um estudo etnográfico realizado com jovens que cumprem medidas socioeducativas em Belo Horizonte e no Rio de Janeiro ressaltam que, em algumas comunidades, o grande domínio dos traficantes diminui a presença costumeira da Polícia onde, aliada a essa hegemonia do tráfico, existe uma falta de esperança na atuação da polícia e uma lei do silêncio imposta pelos traficantes aos moradores das comunidades que impede de maneira severa a realização de denúncias ao crime ali presente (BUGNON e DUPREZ, 2015).

7.2 DISTINÇÃO NA ATUAÇÃO EM DIFERENTES TERRITÓRIOS

Já no conjunto de comentários que abordam a não utilização da violência pela polícia nesses casos específicos, alguns estudos mostram que realmente há uma distinção na atuação da polícia em alguns casos e que essa ação violenta não é dissipada em todos os setores da sociedade, Neme (2005), mostra que de fato há uma distinção na atuação da polícia no centro da cidade para a periferia:

população periférica que não tem acesso aos benefícios do policiamento efetivo depara-se não raramente com uma polícia violenta, configurando-se na periferia um padrão de atuação que combina pouco policiamento com ocorrências policiais de caráter repressivo ou violento. A polícia está ausente do cotidiano da população e presente apenas em intervenções pontuais, quando não envolvida em ações violentas ilegais ou ilegítimas (NEME, 2005 ,p.133).

Ainda no que tange essa diferenciação de atuação da polícia nos diversos territórios Bugnon e Duprez (2015) ressaltam que, “a Polícia tende a se mostrar menos violenta e respeitar mais os procedimentos institucionais no Centro da cidade que nos territórios afastados, nas favelas, onde a impunidade é maior” (BUGNON e DUPREZ, 2015, p.186).

Essa distinção na atuação da polícia não fica somente na questão territorial, a cor da pele é também um fator que diferencia essa atuação. Em um estudo que aborda a percepção de policiais da PM/PA sobre os jovens da periferia de Belém, mostrou que um jovem negro tem quase 3 vezes mais chances de ser considerado suspeito e sofrer alguma abordagem do que um jovem caucasiano, 18,1% contra 6,2% (SOUZA e REIS, 2014).

7.3 TOLERÂNCIA A VIOLÊNCIA POLICIAL

Essa tolerância que a sociedade apresenta a práticas violentas por parte da polícia se dá por um descontrole no que refere se a manutenção da ordem e num grande sentimento de insegurança e principalmente de injustiça que impera em nossa sociedade atual. Machado e Noronha (2002) trazem que, “a percepção de perda de controle sobre a criminalidade faz com que setores da sociedade desenvolvam comportamentos autoritários, apoiando excessos da polícia contra responsáveis por delitos grandes ou pequenos” (MACHADO e NORONHA, 2002, p.189).

Já em um estudo etnográfico que aborda a relação entre a pobreza e a violência com jovens da Cidade de Deus, nota-se que existe uma benevolência da polícia em sua ação com os trabalhadores em relação aos indivíduos que julgam ser bandidos. A diferença entre trabalhadores e bandidos se estabelece pela participação dos mesmos em programas sociais ali oferecidos, como o Centro de Referência da Juventude (CRJ), segundo o autor, os jovens que não aproveitam as oportunidades oferecidas, que são uma alternativa ao mundo do crime, estão sujeitos a violência e a força da polícia, e essa violência é legitimada pela não adesão aos programas (MOTTA, 2016). Com isso, a violência policial desferida para esses ditos “bandidos” é justificada e aceita por setores da sociedade, pois são sujeitos que perturbam a ordem e oferecem perigo, isso faz com que esse tipo de comentário “bandido bom é bandido morto” se torne cada vez mais frequente.

7.4 SOLIDARIEDADE E COMPAIXÃO

Nesse conjunto de comentários ficou uma demonstração de solidariedade e compaixão de quem não vivencia toda essa situação, mas que não ficam aquém de tudo. Alguns autores mostram que, “solidarizar-se inclui perceber a vulnerabilidade do outro, sua necessidade de cuidado e na disponibilidade em agir – um agir compreensivo e responsável” (WALDOW e FENSTERSEIFE, 2015, p. 631). Além disso, a solidariedade vem trazer a visão da incapacidade de admitir ou suportar atitudes que diminuem ou coagem os indivíduos (GARRAFA e SOARES, 2013), exatamente o que foi mostrado nesses comentários, quem vem apoiar a produção do vídeo e a população que sofre com essa violência.

Já no que diz respeito a compaixão, Garrafa e Soares (2013) afirmam que é ficar a disposição do outro sem julgamentos, com finalidade de somente oferecer alívio à situação intensa e complicada em que o outro está. Esse tipo de definição dos autores se encaixa muito bem no que os comentários trazem frente a todo esse contexto, são comentários que ressaltam a importância e a luta dos que passam por essa situação.

7.5 RECOMENDAÇÕES DE COMO SE PORTAR

Sendo a população jovem e periférica o maior alvo da violência policial, cabe ressaltar a importância de seguir uma série de recomendações para evitar ou tentar diminuir os efeitos dessa abordagem violenta. Um estudo realizado em Salvador, que trata da violência policial em classes populares urbanas mostra algumas orientações que os moradores da periferia seguem para se livrar da violência policial:

Na tentativa de se defenderem da agressão policial, os moradores desenvolvem estratégias para se diferenciar dos marginais e não sofrer abusos, como ter cuidado com a aparência pessoal, evitar a circulação em horários e lugares frequentados por bandidos, manter as luzes das casas apagadas nas ocasiões de batidas policiais, e fazer pressão sobre a polícia, para que ela libere pessoas inocentes presas e agredidas injustamente (MACHADO e NORONHA, 2002, p.212).

Esse tipo de situação acaba tendo um impacto direto no cotidiano dessas pessoas, uma vez que os mesmos, com medo de sofrer algum tipo de violência, deixam de frequentar certos locais, a partir de um determinado horário não saem mais de casa e até o que elas carregam precisar receber uma atenção especial, pois pode acabar sendo confundido com algo que ofereça perigo. Tudo isso limita a pessoa a realizar suas atividades, como lazer e trabalho, além de viverem num completo estado de tensão e alerta.

7.6 TRISTEZA COM A REALIDADE

Alguns dados nos fazem entender o motivo de tanta tristeza e desesperança nesse cometários, dados esses que vem para reforçar a importância do vídeo de sobrevivência a abordagem policial, fala destacada de um dos comentários e que mostra o quão grave é essa situação. De acordo com a Anistia Internacional (2015), 56.000 foram vítimas de homicídios

em 2012 no Brasil, sendo que 30.000 eram jovens e 77%, negros. Em 2015, esse número subiu ainda mais, alcançando 59.080 homicídios, de acordo com o Relatório Atlas da Violência 2017 (IPEA/Fórum Brasileiro de Segurança Pública). Segundo esse mesmo relatório, entre 2005 e 2015, a violência contra jovens e negros cresceu 18%. Nem todos esses números referem-se à violência policial, mas nos dão uma noção da disparidade vivida entre jovens negros e brancos. No que tange somente a violência policial, a Anistia Internacional (2015) compilou dados de 2010 a 2013 dos assassinatos cometidos por policiais militares no Rio de Janeiro. O relatório conclui que, a Polícia Militar vitimou 1.275 pessoas: 99.5% eram homens; 79% eram negros e 75% tinham entre 15 e 29 anos.

motivos e dos fenômenos que não podem ser reduzidos à operacionalização de variáveis.

7.7 LIMITAÇÕES

Embora este estudo tenha abordado o tema da violência policial numa perspectiva muito diferente dos demais que trabalharam com essa mesma temática, reconheço, que o trabalho apresenta algumas limitações, que incluem: (i) a quantidade de comentários limitou um pouco a percepções que poderiam aparecer e serem analisadas; e (ii) o número de portais de onde os comentários foram retirados poderia ser maior, aumentando assim, a diversidade de opiniões acerca do tema.

8. CONCLUSÃO

Este estudo apresenta um panorama de como se dá a violência policial nos dias atuais, mostra a população mais afetada por ela, e o que ela tem feito para se proteger e minimizar os efeitos dessa violência. Uma das formas que essa população viu de se proteger desses abusos, foi utilizar as meios de comunicação sociais para fazer denúncias, protestos, dar informações e orientações . Uma dessas valências adquiridas através do uso das mídias sociais e que foi abordada aqui nesse estudo foi a questão da orientação. A partir daí, foi elaborado um vídeo que orienta jovens moradores da periferia a como se portar durante uma abordagem policial com violência, vídeo esse motivado depois que a presidência da república decretou a intervenção federal no estado do Rio de Janeiro, e com isso, essa população específica iria sofrer mais abordagens de militares por conta de sua presença maciça nas comunidades.

Diante do vídeo produzido, que atingiu uma grande repercussão nacional, procurei identificar de que forma esse material repercutiu, quais foram os tipos de comentários realizados para o vídeo e para quem o produziu. Foi possível concluir que o vídeo repercutiu de maneira positiva, e prestou um grande serviço para o grupo a quem foi destinado, porém, houve quem não gostasse do conteúdo do vídeo e criticou a produção do mesmo, ultrapassando a liberdade de expressão em não gostar do que foi produzido, e acabaram por realizar discursos de ódio e carregados de preconceitos, muito em parte, por não entenderem

que o vídeo não era contra os policiais, mas sim para uma população honesta, que frequentemente sofre com os abusos realizados por agentes de segurança do Estado, o qual deveriam realizar a segurança dos mesmos. Pude também observar que existe uma distinção da atuação da polícia em relação a periferia ao centro das cidades, além disso, nota se que essa violência acaba afetando o cotidiano dessa população, restringindo na realização de diversas atividades.

9. REFERÊNCIAS

ANISTIA INTERNACIONAL. 2015. *Você Matou Meu Filho!:* homicídios cometidos pela Polícia Militar na Cidade do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro: Anistia Internacional.

ARAÚJO, J.A. Violência, racismo e mídia: a juventude negra em situação de risco. *Revista InSURgência*. Brasília. ano 1; v 1; n.2; 2016.

ARAÚJO, J.A. Racismo, Violência e Direitos Humanos: pontos para o debate. In *RIDH*, v. 2, n. 2: 75-96, 2014.

BUGNON ,G; DUPREZ, D. As relações entre jovens infratores e a Polícia sob a ótica das lógicas penais, policiais e territoriais. *Revista de Ciências Sociais*, Fortaleza, v. 46, n. 1, jan/jun, 2015, p. 165-198.

BARDIN, L. (2006). *Análise de conteúdo* (L. de A. Rego & A. Pinheiro, Trads.). Lisboa: Edições 70. (Obra original publicada em 1977)

CHEVIGNY, P. Edge of the knife: police violence in the Americas. New York: The New Press, 1995.

CHAUÍ, M. (1985). Participando do debate sobre mulher e violência. Em *Perspectivas Antropológicas da Mulher* (pp. 25-62). Rio de Janeiro: Zahar.

GASPARI, E. A ditadura escancarada. São Paulo: Companhia das Letras. (2002).

GONÇALVES, V. C. A tortura como violência instituída e instrumento para a simulação do réu confesso. 2011. 272f. Tese (Doutorado em Direito) –Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2011.

GUIMARÃES, J.C; TORRES, A. R. R; FARIA, M. R. G. V. Democracia e violência policial: o caso da policia militar. *Psicologia em Estudo, Maringá*, v. 10, n. 2, p. 263-271, mai./ago. 2005

KANT DE LIMA, R. Direitos civis, estado de direito e cultura policial: a formação policial em questão. *Revista Brasileira de Ciências Criminais*, 2003

KANT DE LIMA, R. Direitos Civis, Estado de Direito e cultura policial a formação policial em questão. *Republicação.. Revista Preleção* , v. 1, p. 67-87, 2007.

MACHADO DA SILVA, L. A. Vida sob cerco: violência e rotina nas favelas do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira, 2008.

MATTOS, G. Flagrantes de racismo: imagens da violência policial e as conexões entre o ativismo no Brasil e nos Estados Unidos. *Revista de Ciências Sociais. Fortaleza*, v.48, n. 2, p.185-217, jul./dez., 2017.

MERIGHI, M.A.B. Fenomenologia. In: Merighi MAB, Praça NS. Abordagens teórico-metodológicas qualitativas: a vivência da mulher no período reprodutivo. Rio de Janeiro: Guanabara – Koogan; 2003.

MEYER-PFLUG, S. R. Liberdade de expressão e discurso do ódio. São Paulo: Editora Revista dos Tribunais, 2009. 271 p.

MICHAUD, Y. A violência. São Paulo: ática, 1989.

NEME, C. VIOLÊNCIA E SEGURANÇA: UM OLHAR SOBRE A FRANÇA E O BRASIL. REVISTA DE SOCIOLOGIA E POLÍTICA Nº 25: 123-137 NOV. 2005

NETO, P. M. Violência policial no Brasil: abordagens teóricas e práticas de controle. Em D. C. Pandolfi, J. M. de. Carvalho, L. P. Carneiro & M. Grynszpan (Orgs.), Cidadania, justiça e violência (pp. 129-148). Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas.1999.

OLIVEIRA JUNIOR, A ; Lima, V. C. A. Segurança Pública e Racismo Institucional. Boletim de Análise Político-Institucional, Rio de Janeiro, vol. 04, 2013, ISSN 2237-6208, p. 21-26. Disponível em:<http://www.ipea.gov.br/portal/images/stories/boletim_analise_politico/1301017_boletim_analis_politico_04.pdf>. Acesso em: 18out. 2013.

POPE, C.; MAYS, N. Pesquisa qualitativa na atenção à saúde. Porto Alegre: Artmed Editora, 2005.

RAMOS, S.; Juventude, polícia e democracia: o que pode mudar no Brasil após as jornadas de junho? 2014.

SANTOS FILHO, J. P. (2003). A violência do policial militar no exercício da função. (Série Violência em Manchete) Disponível em: . (Acessado em 03/05/03). (pp. 185-183).

SOUZA, J L C; REIS, J F G. A discricionariedade policial e os estereótipos suspeitos. **Rev. NUFEN**, Belém , v. 6, n. 1, p. 125-166, 2014 . Disponível em <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2175-25912014000100007&lng=pt&nrm=iso>. acessos em 07 jun. 2018

SPESNY, S. L.. A polícia e o crime organizado: O delicado balanço de administrar a vida e a morte no Brasil. Dilemas-Revista de Estudos de Conflito e Controle Social, v. 9, n. 2, p. 393-398, 2017.

TRIVIÑOS, A. N. da S. Introdução à pesquisa em ciências sociais: a pesquisa qualitativa em educação. São Paulo: Atlas, 2008.

WALDOW, VR; FENSTERSEIFE LM. Saberes da Enfermagem: a solidariedade como categoria do cuidado. Esc Anna Nery (impr.)2011 jul-set; 15 (3):629-632.

ANEXOS

Anexo A - Transcrição do vídeo



O vídeo que possui 3 minutos e 27 segundos, foi transcrito em sua totalidade.

AD Junior: esse vídeo fala sobre abordagens de agentes de segurança do nosso país, que abusam do poder durante o momento da abordagem...

Edu: e a gente tá aqui fazendo esse vídeo para dar algumas dicas, porque infelizmente nós negros somos sempre alvos de abusos, retaliações...

Spartakus: então, se você é negro, presta atenção nisso que a gente vai falar.

Edu: evite sair de casa em altas horas. Infelizmente à noite, a partir do olhar do outro, você é não somente negro, mas bandido e apresenta perigo.

AD Junior: Não saia sem documentos. Priorize levar na bolsa, na carteira ou na mochila a sua carteira de identidade ou a sua carteira de trabalho.

Spartakus: Sinalize para amigos onde você está indo... se você já chegou em casa, mande localização pelo facebook, whatsapp, porque é a forma deles saberem onde te achar, onde te procurar.

Edu: Não deixe de andar nunca com o seu celular, e que ele esteja com a bateria carregada. é com ele que você consegue fazer não somente as ligações, mas as gravações e também consegue compartilhar com seus amigos e familiares a sua localização.

Spartakus: Se você for andar com algum instrumento caro, seja um celular, seja uma câmera...

AD Junior: Não se esqueça de levar o cupom fiscal, pode ser muito útil na hora da apreensão injusta e indevida.

Edu: Caso você seja parado e esteja num ambiente público por favor, grave com seu celular. Ele ainda é o melhor e maior registro que a gente pode fazer, pra gente conseguir informações de quem te parou, como te parou e porquê te parou. Segue a dica não só minha, mas do Willian Bonner: celular na horizontal, e não é pra tampar a saída de áudio, porque a gente precisa escutar o que o ser humano que tá te parando tá dizendo. Tente gravar o máximo de coisas tipo data, local e tendo vitimas, por favor, tente gravá-las também as vítimas, as testemunhas.

Spartakus: Em lugares públicos, evite o uso de furadeira e guarda-chuva longo, parece bobagem, mas muitas pessoas olham isso de longe e acham que são armas de fogo. Prefira guarda-chuvas pequeno, que possam ser dobrados e colocados dentro numa bolsa pra evitar qualquer problema.

Edu: Se você se sentir constrangido pela forma com que foi abordado não deixe de realizar um B.O. E olha, sem a sua permissão ninguém pode ver seu celular a não ser que um juiz tenha ordenado essa ação. Nesse momento, o máximo de informações é importante para que a gente consiga fazer um ótimo relato na hora do B.O. Então tente gravar o rosto, a identificação, a farda, a viatura e não só a viatura como a placa...

Spartakus: Isso é muito importante pra você saber com quem você tá lidando e denunciar essa pessoa caso ela faça algum abuso de poder.

AD Junior: Em caso de abordagem por algum agente de segurança pública, não faça movimentos bruscos e não afronte nenhum desses agentes

Edu: a gente sabe que numa situação como essa você acaba sendo alvo de retaliação do militar ou do policial. Então, não entra na dele.

AD Junior: tenha o telefone de um amigo o advogado que possa te ajudar durante uma intervenção indevida ou até mesmo uma apreensão completamente arbitrária

Spartakus: Procure sempre andar acompanhado, principalmente se você for uma mulher, um homossexual ou pessoa trans.

AD Junior: Não acelere o carro quando for abordado pela polícia numa blitz, pare o carro, coloque suas mãos sobre o volante e tenha sempre em mãos os documentos do mesmo

Spartakus: Se você for pegar alguma coisa na bolsa ou no porta-luvas, peça permissão pro policial, porque ele pode achar que você tá querendo pegar alguma arma pra se defender.

AD Junior: Ah, e eu já ia me esquecendo: Nunca leve pinho sol ou água sanitária dentro da sua mochila ou bolsa

Edu: Com ou sem intervenção, as instruções desse vídeo tem endereço certo.

Spartakus: essas são nossas dicas pra te ajudar, se possível compartilhe esse vídeo, marquem seus amigos pra evitar que hajam mortes nesses conflitos, eu sou Spartakus...

Edu: eu sou Edu Carvalho, repórter do faveladarocinha.com.

AD Junior: o meu nome é AD Junior, obrigado por assistir esse vídeo.

Anexo B - Print dos comentários



Jonas Santana

HÁ 3 MESES

Quem não deve não teme, é só colaborar, agora vai começar a onda de vitimismo e coitadismo da classe da malandragem, querendo esconder os seus podres no grito.

👍 1217 💬 283



José Araújo

HÁ 3 MESES

Em minhas viagens de moto ao RJ fui abordado duas vezes por PMs (antes de uma dessas abordagens um indivíduo também de moto, cortava volta e me alertou de que havia polícia adiante) Como não sou bandido, segui normalmente e acabei sendo abordado. Pediram habilitação, documentos da moto, conferiram os dados, viram que estava tudo correto, pediram desculpas pelo "inconveniente" e me liberaram com um "Boa tarde e boa viagem senhor.

👍 692 💬 28



Marcelo Moreira

HÁ 3 MESES

Começou a turma do complexo de inferioridade se manifestar. Se morre mais negros e pobres é pq esses são os que mais se envolvem em crimes.

👍 205 💬 51



Caio Benício

HÁ 3 MESES



E vídeo dando dicas de como sobreviver a uma abordagem de bandidos, vocês vão fazer também?

👍 778 | 💬 46



Alexandre

HÁ 3 MESES



Esse vídeo presta um serviço muito importante. Com essa intervenção militar os cariocas estão correndo muito mais perigo. Todo mundo sabe que policiais e militares são inimigos da população, piores que bandidos comuns. Estejamos sempre atentos!

👍 115 | 💬 676



Fernando Santos

HÁ 3 MESES

Quem não deve não teme.

👍 264 | 💬 47



Nicolas Kc

HÁ 3 MESES

Cadê o vídeo de como sobreviver a violência desenfreada dos traficantes e assaltantes não tem não?!!

👍 280 | 💬 10



Leandro Silva

HÁ 3 MESES

Engraçado, ensinam a sobreviver contra as Forças de segurança, mas contra o tráfico que é o verdadeiro assassino não ensinam, o Brasil deve ser estudado, porque tem coisas que só se vê por aqui.

👍 201 | 💬 15



Elena

HÁ 3 MESES



Hipócritas... o mundo inteiro sabe que a polícia brasileira é racista. Basta ver as estatísticas.

👍 52 | 💬 152

Carla Maria Eu sou negra, já fui parada em blitz e essas coisas nunca me aconteceram, então nunca levei a sério dicas como essas, masssss...comecei a namorar meu atual companheiro que tbm é negro e eu vi uma realidade que eu nunca tinha visto! Tudo o que eles dizem infelizmente é vdd...reparei como as abordagens são diferentes quando são com ele e quando são com os amigos brancos dele...chega a ser cruel e me leva lágrimas aos olhos! Mas como ele diz já está acostumado, não deveria, mas está 🙄🙄

   186

Sidney Silvino KKK, três bobalhões querendo se promover... Isso já é de praxe no Rio de Janeiro. Lembrando que nas comunidades onde morei a maioria dos bandidos são afrodescendentes. Então para de palhaçada.

   196

Curtir · Responder · 15 sem

Raquele Correia Lula Dos Santos Acho inacreditável ver pessoas criticando esse vídeo, só podem ser desinformadas! Leiam, pesquisem! A abordagem que um negro pobre sofre pela autoridade policial é muito mais truculenta do que um branco pobre, assim como as mulheres negras são mais vítimas de violência obstétrica que as mulheres brancas. E outras coisas mais. Esses fatos não são invenção, são estatística! Acordem!

   143

Curtir · Responder · 14 sem · Editado

Max Ventura Cara tu tem uns vídeos legais. Mas esse foi sem noção. Só piora as coisas. Foi ridículo. Podre

   800

Curtir · Responder · 15 sem

Paulo Lopes Eu fui assaltado 8 vezes no Rio de Janeiro e todos os assaltantes eram NEGROS, e nunca publiquei nada responsabilizando negros por isto, pois entendo que não foi um problema étnico, pq cor não define caráter, este vídeo só serve para disseminar o ÓDIO na sociedade carioca/fluminense. Faça um direcionado ao cidadão de bem independente de sua etnia.

   3,4 mil

Evandro Júnior Parem de frescurinha! Sou negro, fui abordado inúmeras vezes, e nunca apanhei de ninguém! Se você não estiver com maconha no bolso, fizer o que o cara manda sem ficar resmungando, se for pego na mentira principalmente, porque como militar do exército, também já abordei muita gente, e muita gente dizia que não usava drogas, e pegávamos drogas escondidas no boné. Então, vocês têm que fazer vídeo pras pessoas não usarem drogas! Façam vídeo pra que as pessoas não mintam para os militares. E se for pego com drogas, abra a boca e acuse onde é a fonte!

A maior idiotice é vocês querendo colocar a população contra os agentes que vêm fazer a segurança da mesma!

   272

Curtir · Responder · 14 sem

Mirian Colonna Enquanto essa realidade não mudar, façam barulho, meninos! Se isso não mexe com a sociedade, vamos incomodar até mexer, compartilhando já!!

Curtir · Responder · 14 sem



André Renato Parece ridículo, vitimismo ou coisa de país em guerra civil, mas é realidade, é Brasil e infelizmente não serve só para o Rio de Janeiro, mas para todos nós brasileiros, até porque nós negros somos a maioria dessa população. Obrigado rapazes, infelizmente são necessárias, ainda bem que vocês esta aí, obrigado e parabéns

Curtir · Responder · 15 sem · Editado



Michelle Cavalcanti Eu só não entendo o pq das pessoas enxergarem os militares dessa forma? Eles estão indo para rua para proteger as pessoas de bem, estão arriscando suas vidas deixando em casa família e filhos para lutar por uma sociedade que só os vêem como os vilões. Muito triste mesmo ter que ouvir essas dicas como se os militares fossem os verdadeiros bandidos e que precisa ter medo deles. Infelizmente essa é a interpretação de muitos, que os militares estão indo para rua pra causar terror!!!! Será que do jeito que está atualmente tá bom? Ou o terror já estava instalado e ninguém reparou???

Curtir · Responder · 15 sem



Carla Ferreira Infelizmente, necessário. 🙄🙄🙄 170 ***

Curtir · Responder · 14 sem

**Davi**

HÁ 3 MESES

Como dizia o velho e bom ditado, BANDIDO BOM É BANDIDO MORTO.

**Midia Fontes** 3 meses atrás

Dicas tristes, mas necessárias □□□

👍 20 🗨️ RESPONDER

Ver resposta ▾

**Vladimir Romanelli** 3 meses atrás

Pratico essas sugestões a anos (tenho 52) e são indicadas a todas as etnias. Infelizmente, o Brasileiro é hipócrita, se diz muito amistoso e pratica a pior racismo que existe. O racismo velado.

👍 84 🗨️ RESPONDER

Ver todas as 25 respostas ▾

**Biruta Bob** 3 meses atrás

Agora faz um vídeo de como proceder quando um bandido armado com um fuzil te abordar?

Devo filmar ?

Ler mais

👍 70 🗨️ RESPONDER

Ver todas as 8 respostas ▾

Não gostei

**Kelle Bastos** 3 meses atrás

É uma pena esse vídeo ser tão necessário... Gratidão!!

👍 107 🗨️ RESPONDER

Ver todas as 8 respostas ▾



Claudia Gonçalves

HÁ 3 MESES

Estou adorando a repercussão do vídeo. Querida gente branca essa simplesmente SEMPRE foi a nossa realidade. Escuto essas recomendações desde criança pelo pessoas mais velhas da minha família (tias e tios). Agora com a intervenção temos que tomar um maior cuidado.

👍 58 🗨️ 101



Ariel Martins 3 meses atrás (editado)

É triste existir um vídeo de sobrevivência em abordagem para negros em pleno século XXI

👍 161 🗨️ RESPONDER

Ver todas as 10 respostas ▾



Ana Alexandre 3 meses atrás

Realidade mais triste ☐☐☐

👍 211 🗨️ RESPONDER

Ver todas as 5 respostas ▾

Olá, Spartakus

entre em contato para parabenizar o trabalho que vc vem fazendo, tem sido de grande valia os conteúdos e a forma como aborda cada um deles em seus vídeos. Aqui em especial, quero destacar o vídeo que produziu junto com o AD Junior e com o Edu, vídeo esse que teve uma grande repercussão, e foi a partir dele que conheci o seu trabalho e acabei virando grande fã. Gostei tanto do teu trabalho, que esse vídeo em questão virou tema do meu trabalho de conclusão de curso. Desde do início, sempre quis trabalhar o tema da violência policial, por ser um tema de grande relevância e que infelizmente já se fez presente em minha realidade. A partir do vídeo produzido por vcs, comecei a analisar os discursos produzidos acerca do mesmo, comentários esses feitos na sua página do facebook, no teu canal do youtube e no g1, onde saiu uma matéria. Esse trabalho me rendeu um 9 e irá virar tese de mestrado. Mais uma vez parabênzo e agradeço pelo excelente trabalho que tem feito, seus vídeos tem tido um grande poder de conscientização e até de orientação. Vc é shooow, mantenha esse lindo e importante trabalho, tem aqui um grande fã e admirador. Abraços e todo sucesso do mundo. (obs: vou enviar o tcc aqui, caso queira dar uma olhada).